Ossobuco DF e as Histórias que precisam ser ditas

Transcrição do episódio 5 do podcast

Título: Raul em “O Vale do Amanhecer”

[00:00:01.630] - Helô

Olá, este é o quinto episódio do Ossobuco Podcast, que está em sua segunda temporada. Eu sou a Helô, apresentadora deste programa. Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal. Ossobuco DF e as histórias que precisam ser ditas. Este episódio traz uma narrativa diferente das histórias que costumam estar por aqui. Dessa vez, vamos ouvir duas histórias em uma. Duas histórias entrelaçadas e que uma é continuidade da outra. Vamos ouvir o Raul Zelaya, filho da Tia Neiva, fundadora do Vale do Amanhecer. Quem conhece o Vale sabe o quanto ele é impactante e único, e ele nos interessa particularmente por estar em processo de registro no IPHAN. Vamos ouvir o Raul contando um pouco da sua história e da sua mãe.

[00:01:03.270] - Raul

Bom, meu nome é Raul Zelaya, sou filho de Tia Neiva, a fundadora do Vale do Amanhecer, uma doutrina espiritista que já tem mais de 50 anos e mais de 300 templos em todo o Brasil. Na Europa tem uns 15, Estados Unidos também tem, e mais outros países que eu não conheço. E a minha vida foi dedicada a essa obra que a minha mãe inventou. Ela começou e, quando ela partiu, eu assumi o comando. Eu aprendi a comandar quando a mamãe tinha um orfanato com 200 crianças, órfãos de pais vivos, e eu comandava lá por 30 anos. Fui administrador aqui do Vale, pelo GDF. Eu que consegui o asfalto, a rede de luz e tudo mais. Essa é a minha vida, vamos dizer assim, normal. Quanto à vida espiritual, que é comandar essa doutrina, é um pouco mais difícil, porque a gente lida com dor, as dores das pessoas. E a dor não tem nome nem sobrenome, é dor. Às vezes um dedinho seu é sua dor maior, e a perda de um parente, tudo é dor. E a gente procura equilibrar as pessoas que nos procuram. Quanto ao atendimento no templo, o paciente chega, conversa com uma entidade incorporada, a pessoa não conhece a entidade, não conhece quem está ali incorporado e nem o doutrinador.

[00:02:33.500] - Raul

Então ali ele desabafa, porque todos nós temos guardado alguma coisa que não pode desabafar com ninguém. Que a gente pode até desequilibrar aquele ente querido nosso. E todos nós temos isso. Então quando ele passa por ali, desabafa. A metade da cura dele tá pronta. Aí é só limpar a aura e seguir o caminho dele. A mamãe, falando da minha mãe agora,

ela começou tudo isso na Fundação de Brasília, chegando no Bandeirantes, que era a cidade maior que tinha, acampando na beira de um córrego, na barraca. Um frio danado, porque era mês de junho. E ela procurou o Bernardo Sayão. Ele foi padrinho de casamento da mamãe. Então, quando chegou aqui, ela procurou ele, que estava aí com Juscelino e tudo, e ele conseguiu um lote pra ela lá no Bandeirantes. Então ela saiu, veio aqui em Planaltina buscar bambu e fez um lote todo de bambu. A casa com divisórias, tudo. Ficou até bonito, mas... No frio passava um vento danado, né? Então a dificuldade foi toda dela. Foi quando estava bem, eu falei, mas agora nós vamos ficar bem, porque três caminhadas, já tinha três caminhões, e agora nós vamos ter alguma coisa, que era uma miséria danada.

[00:03:52.870] - Raul

Aí ela começou a mediunidade. Foi quando atrapalhou tudo. No bom sentido. Ela ficou desmaiada por quase uma semana. E naquela época não tinha médico, não tinha nada. Era só o farmacêutico, o raizeiro, o benzedor, aqueles negócios todos. E não conseguiram. Aí ela já estava com um companheiro que se chamava Getúlio. Foi meu padrasto. E ele tinha um irmão que era espírito. Aí foi lá ver mamãe. Ela já desmaiada, ele fez o trabalho dele lá e ela acordou. Entendeu? Então você tem que procurar o espiritismo, que isso aí é coisa de espiritismo. O irmão do Getúlio explicou pra ela que era espiritismo, porque ela era muito católica, apostólica romana, aquele negócio todo. Ela tinha, não era a evidência, era a clarividência. A clarividência ver ao mesmo tempo a que está conversando contigo, vendo seu passado, seu futuro e o presente também, e conversando normalmente. Então ela tinha essa... e é direto, não parava. Então ela tinha, teve muita dificuldade de ver, vamos dizer assim, conseguir conciliar essas duas coisas, o físico e o espiritual. A vida dela foi acabando, entendeu? porque não trabalhava direito, foi mandado embora da Novacap, perdeu um caminhão, perdeu outro.

[00:05:12.020] - Raul

E a espiritualidade querendo fazer essa doutrina. Aí foi quando o nosso pai, Seta Branca, falou pra ela que ela tinha que fazer uma cidade espírita. A espiritualidade mandou procurar um terreno pra cá, pro lado de cá. Então saímos procurando e tudo que a gente fazia era pela espiritualidade. Os mandos e tudo. E a gente fazia e dava certo. Então chegamos aqui, nada. Era uma fazenda abandonada que só tinha um barracão e mais nada. Então aqui começamos a desenvolver tudo. Nesse ranchinho ela trouxe o orfanato com 90 crianças e já botou lá dentro e fizemos uma casa aqui pra ela de madeira. Então tudo foi no sacrifício. Foi aumentando o conhecimento dela, das pessoas virem. Então ela tinha muita amizade com muitas pessoas. Ela foi sendo conhecida internacionalmente e vinha gente de fora. Então aqui que ela pegou todo esse ápice, porque tudo que ela fez foi por amor. Amor, amor, amor. Eu pergunto, o que é o amor? O amor é o que o amor faz.

[00:06:24.290] - Helô

Este áudio foi captado *in loco*, no Vale do Amanhecer, em Planaltina, DF, onde o Raul recebeu a equipe do Ossobuco. Ali conhecemos a sua história e o Vale do Amanhecer, com seu templo e todas as suas edificações, que impressionam muito pela originalidade e mistura de tantos signos e símbolos que reconhecemos ou não. É muito difícil conseguir descrever o vale, então te convidamos a ir no nosso site e entrar na página deste episódio, onde colocamos algumas fotos que tiramos por lá. Para nos ajudar a contextualizar e entender o Vale como potencial patrimônio imaterial reconhecido pelo IPHAN, recorremos aos nossos consultores incríveis, que vocês conheceram lá no primeiro episódio. A Carol e o Vinícius falaram sobre este processo lá na primeira entrevista que fizemos, e que achamos melhor guardar para este momento em que estamos colocando o foco especificamente sobre o Vale da Amanhecer. com a palavra Carol e Vinícius, nos explicando sobre como entender o Vale no contexto do patrimônio imaterial.

[00:07:33.200] - Vinícius

O Vale do Amanhecer é muito particular, quem não conhece, assim que conhecesse entenderia o que é particular, e é importante mencionar que ele tem processo de registro. Então ele pediu registro, o processo foi iniciado, mas a gente não sabe dizer se lá no final ele vai ser reconhecido, isso não passa necessariamente pela decisão dos técnicos, é um conselho consultivo que no final decide. Mas em todo caso, o Vale do Amanhecer ele está sendo pesquisado e está em processo de registro por ser um lugar importante não por suas edificações, embora elas sejam muito particulares, tem a pirâmide, tem o lago, tem a estrela candente, o templo humano. mas pelo valor atribuído às pessoas de Planaltina e no limite do Brasil inteiro àquele espaço. Então é um valor religioso, um valor que está associado a processos de cura, mas é também um valor de identidade, são pessoas que se veem reconhecidas naquelas práticas. É um valor também que representa em muitos aspectos O processo de formação de Brasília, que é todo atravessado por um monte de matrizes místicas mesmo, desde o sonho de Dom Bosco até a chegada da Tia Neiva, Brasília é atravessada por um monte de projetos associados ao sagrado ou ao não mundano.

[00:09:07.000] - Vinícius

Também está ligado a um processo de sincretismo muito presente no Brasil, no sentido de que o Vale tem elementos indígenas, tem elementos afro-brasileiros, tem elementos do catolicismo. Ele é muito cheio de referências. O Vale é, de certa forma, uma antropofagia do Brasil. Ele mistura esses vários elementos e, por isso, Aliás, não só por isso ele é um bem imaterial do DF, o IPHAN reconhecendo ou não.

[00:09:37.690] - Carol

Ele está em processo de registro, enfim, nós enquanto técnicos fomos a favor de que o bem fosse reconhecido como patrimônio imaterial do Distrito Federal. De como isso justifica pelas gerações, que a gente vinha falando antes. Essa é uma frase do Niemeyer, que ele fala sobre Brasília, que você pode gostar ou não dos palácios de Brasília, mas não pode dizer que já viu coisa parecida. E eu posso dizer um pouco parecido com o Vale do Amanhecer, que você pode já ter visto, pode já ter estado ali ou não, pode ter mais contato ou não, mas você não pode dizer que já viu coisa parecida. Acho que é um pouco essa sensação que o Vale do Amanhecer dá às pessoas que chegam pela primeira vez, que é esse estranhamento de onde elas estão. Mas é também, por outro lado, para as pessoas que vivem, que fazem o Vale do Amanhecer, o lugar de vínculo muito forte. E é isso que a gente propõe, que está ali reconhecendo também esse valor atribuído coletivamente e que torna aquele lugar uma fonte geradora de vínculos entre as pessoas. Que a gente pode ir para o lado religioso? Pode, mas é social, é cultural, é em termos de vestimentas específicas que as pessoas usam, é em termos de código de fala que as pessoas usam, Em termos do pote que as pessoas usam em determinados momentos do dia, em determinados momentos da noite, tem toda uma ritualização que acontece ao longo do ano.

[00:10:56.560] - Carol

Ou seja, é diferente. Tem ali um corpo, um conjunto de relações sociais específicas sendo feitas de forma diferente ao longo do ano, num espaço, num lugar específico. Pelas pessoas e para aquelas pessoas que fazem parte do Vale do Amanhecer, o vale já é um bem imaterial. já é um patrimônio cultural imaterial. O IPHAN dizer isso, o IPHAN ratificar esse entendimento, é algo que eles desejaram, é algo que as pessoas quiseram que acontecesse, e é o que a gente vai saber mais à frente se vai acontecer. Mas esse entendimento já existe por conta daquelas pessoas. Uma vez que já existe, o IPHAN pode trabalhar com essas pessoas, inclusive. É um ponto importante para a gente falar da política. Um bem não precisa ser reconhecido para o IPHAN para que sejam desenvolvidas ações de patrimônio cultural ou de educação patrimonial pelo IPHAN. A gente pode trabalhar com essa perspectiva ampliada do patrimônio cultural e faz isso no dia a dia mesmo do nosso trabalho.

[00:12:06.950] - Helô

E assim terminamos mais um episódio da segunda temporada do Ossobuco Podcast. Obrigada pela companhia. Se você quiser falar com a gente sobre este episódio ou tem sugestão de histórias que precisamos conhecer, pode mandar e-mail para contato@ossobu.co. Até mais!

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal. Coordenação Geral, Heloísa Rocha. Coordenação de Produção, Mentoria e Curadoria, Denise Cotte. Pesquisa, Maíra Fonseca. Coordenador Técnico de Áudio, Jota, Gestão Administrativa, Beatriz Ramos. Fotos, Zuleika de Sousa. Roteiros, Edição de Conteúdo e Apresentação, Eloísa Rocha. Edição e trilha, por Aloysio Lous, da Som do Cosmo. Identidade Visual, Vinícius Santos. Site, Daniel Sousa e Danilo Lima. Estratégia de Comunicação, Thum Thompson. Mídias Sociais, Carol Dutra. E Assessoria de Imprensa, Erika Cidade.